

FEBRE, DELÍRIO E FISSURA: CORPO COMO DIREITO E HETEROTOPIA ⁷

FEVER, DELIRIUM AND FISSURE: BODY AS RIGHT AND HETEROTOPIA

Renata Fernandes Ramos⁸

Resumo

A trama complexa e multifacetada das pesquisas que se propõem a olhar o mínimo e reinventar caminhos para a Educação exige abertura. Olhos, poros, pistas. O corpo não quer ser privilégio, restrito. Entre a utopia que leva à eterna busca e os (des) encontros provisórios, os tempos e espaços como limites são rerepresentados em suas outras possibilidades. A heterotopia é lugar real, materialização das utopias – que paradoxalmente passam a inexistir. Neste texto, o conceito compreendido como arquitetônico e geográfico das heterotopias é deslocado para algo a ser produzido e encarnado pelos próprios corpos, estes eternos navegantes, em diálogo com uma série japonesa baseada em mangá.

Palavras-chave: Corpo. Sentidos. Direitos humanos. Heterotopias.

Abstract

The complex and multifaceted fabric of research that proposes to look at the least and reinvent paths to Education requires openness. Eyes, pores, clues. A fiction is drawn only to dissipate and materialize, but not without struggle. The body does not want to be a privilege. Between the utopia that leads to the eternal search and the provisional (dis) encounters, times and spaces as limits are represented in their other possibilities. Heterotopy is a real place, materialization of utopias - which paradoxically do not exist. In this text, the concept understood as architectural and geographical heterotopias is shifted to something to be produced and incarnated in and by the bodies themselves, these eternal navigators, in dialogue with a Japanese series based on manga.

Keywords: Body. Senses. Human rights. Heterotopias.

⁷ Texto parcial de dissertação de mestrado (2017). Texto adaptado em versão apresentada no VIII Colóquio Internacional de Educação e Filosofia da Uerj (2016) e publicada em seus anais.

⁸ Doutoranda em Educação na linha Estudos do Cotidiano da Educação Popular pela Universidade Federal Fluminense; ramos.renatafernandes@gmail.com +5521998896611

Introdução

No texto intitulado “do direito à Literatura”, Candido (2007) relaciona os direitos humanos ao direito à literatura partindo do pressuposto que “aquilo que consideramos indispensável para nós é também indispensável para o próximo” (Idem, p.174) para definir o que são direitos humanos. A literatura é compreendida como necessidade de fruição humana. Fabular é uma necessidade.

Classifica ainda os bens como compressíveis e incompressíveis, sendo estes os que não podem ser retirados, que não podem ser impedidos por qualquer força externa. Por isso, a luta pelos direitos humanos pressupõe a consideração de igualdade de tratamento e que

são bens incompressíveis não apenas os que asseguram a sobrevivência física em níveis decentes, mas os que garantem a integridade espiritual. São incompressíveis certamente a alimentação, a moradia, o vestuário, a instrução, a saúde, a liberdade individual, o amparo da justiça pública, a resistência à opressão etc.; e também o direito à crença, à opinião, ao lazer e, por que não, à arte e à literatura (Idem, 2007, p.176).

Mas quem tem direito à literatura? A ler Dostoievski ou ouvir os quartetos de Beethoven? – discorre Candido (2007), ao que acrescento: quem tem direito a deitar e esperar por estrelas cadentes? Quem tem direito, e não privilégio, de assistir a um balé, de sonhar, dançar, estar no palco, de deixar passear e perder os olhos em pinturas ou pelo mundo? A perceber seus poros se eriçarem (...) Quero dizer, em palavras explícitas: quem tem direito, e não privilégio, a experimentar seu corpo? A conhecer, perceber, cultivar suas afecções, seus trânsitos?

Fizemos um movimento inverso de humanização na Educação. Retiramos a humanidade,

o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar os problemas da vida, o senso da beleza a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor (Idem, 2007, p.182).

ISSN 1807-6211 [Dezembro, 2018] Nº 31

As cisões da Modernidade se encarregaram de impregnar na separação o afastamento entre Deus-homem-natureza, razão-sentidos, corpo-mente. A palavra, consumida de modo utilitário, conhecimento intelectualizado. As perguntas escolares sobre textos e livros que se limitam a buscas por interpretações únicas, valorizando a capacidade de escrita coesa, concisa, mas ignorando possíveis sentimentos e fruições, como se fosse errado, inferior ou indigno sentir. Retiramos a humanidade em nome de uma razão. E na Educação (repare, não digo apenas na escola), o corpo é quase apenas a carcaça carregadora de sua própria cabeça. Exaltado na razão, desprovido de sentido.

Em uma série japonesa de mangá, também adaptada para anime chamado *The Fullmetal Alchemist*⁹ dois irmãos tentam trazer sua mãe de volta da morte através do processo considerado tabu na alquimia. É desastroso. Um dos irmãos perde o corpo e o outro, uma das pernas. Este, corta seu próprio braço para fixar a alma que acaba de se desprender do corpo do irmão caçula em uma segunda tentativa de alquimia. A alma é selada em uma armadura de metal para que não se perca. Bom, o que sucede é a procura por uma pedra filosofal que seria capaz de reintegrar a alma de volta ao corpo do irmão caçula e reestabelecer as partes perdidas, e para isto eles se envolvem com o governo em missões sinistras, tornando-se alquimistas a serviço do Estado. O mais velho tem sua perna e seu braço reintegrados por membros também de metal. Sem revelar mais que o necessário, destaco dois pontos que mais me importam neste seriado para conversar com este texto. O primeiro é (i) o processo que sela a alma do irmão caçula em uma armadura de metal, que lhe confere a possibilidade de perseguir uma solução ao lado do irmão, mas lhe priva de seus sentidos – exceto a visão e a audição. Ele não tem necessidades fisiológicas humanas, não tem um corpo, e, contraditoriamente, o sentimento pelo irmão não lhe foi sequer alterado; e depois, (ii)

⁹ De Hiromu Arakawa. A série japonesa tem marcas muito próprias de apresentar questões profundas que garantem uma leveza para tratar do tema ficcionalmente passado na Europa pós Revolução Industrial. Acesso: <http://www.superanimes.com/fullmetal-alchemist-brotherhood> (última visita 02/03/2017), cuja versão mais se aproxima do mangá, que originou a série.

um termo que a autora utiliza para justificar a perda do corpo e das partes no processo de alquimia: troca equivalente. Ou seja, não há ganho sem perda equivalente.

Imaginemos uma alma selada em uma armadura. Imaginemos um universo em que a própria vida esteja destinada a perseguir o direito de ter de volta seu próprio corpo. Que seu próprio corpo tenha sido objeto de uma troca equivalente.

Anticorpo: alma selada em armadura

O meu Deus não pode estar morto. Mas sei que habita um sono profundo, talvez um coma induzido para que outro tome seu lugar. O ouvido e a pele são o que sobram de janela. Olhos cerrados revelam um mundo. Apura e busca ouvir os sussurros para dar contorno às imagens. Que imagens? Que mundo? Se estes ouvidos e olhos foram treinados apenas a desempenhar funções específicas e limitadas, como podem flutuar em um novo real?

As posições que não se alteram tem o costume de anestesiar nossas feridas, necrosar tecidos, produzir escaras. Na perspectiva daquilo que Foucault (2014) chama disciplina, a utilidade é íntima e proporcional à obediência. As disciplinas são o conjunto de normas, técnicas minuciosas onde se exerce o poder sobre os corpos a fim de torná-los dóceis. A disciplina enfatiza e exerce o automatismo dos hábitos. Sem percepção há sentidos?

O espaço é a primeira confecção das disciplinas. Não há ingenuidade na disposição de cada indivíduo. Diferente da escravidão, a disciplina é dissimulada, “a disciplina é a anatomia política do detalhe” (idem, 2014, p.137) e se dissipa ao economizar os gestos e aumentar sua eficiência. A dominação sobre o próprio corpo pela concentração das forças de sua capacidade de produção estabelece presenças e ausências, classifica e instaura métodos para *bem* utilizar o corpo. A disciplina organiza para facilitar a observação, para produzir renúncias, possibilitar classificações, economizar gestos em cálculos silenciosos, sorrateiros que, pouco a pouco, se automatizam.

O tempo é a segunda construção que forma o quadriculado da disciplina. “O

tempo penetra o corpo, e com ele todos os controles minuciosos do poder” (Ibidem, p.149). Impõe ritmo e frequência padronizada, anula a dúvida e outros modos de fazer, bem como a possibilidade de subjetividade.

A disciplina é sutil. Opera no interior do corpo, suga suas potências. Aniquila a comunicação entre as “peças” a fim de produzir uma engrenagem com algumas funções modificadas para neutralizar a periculosidade de romper e anular tudo aquilo que não for útil. É um humano-máquina tão eficiente e útil quanto puder ser dócil e socialmente conciso.

É inútil um corpo que dança seus próprios passos, que canta sua própria voz, que para, que *faz* nada. Que brinca, que chora. É inútil um corpo que sente e diz sim ao sentir. Que prefere a dor às escaras. Sentir desestabiliza a verdade e a verdade é a moral que conduz a vida em sociedade, introjetora de razões. É útil um corpo organizado. Cada órgão executando suas funções com eficácia.

Ao longo da educação formal, as potências humanas são estimuladas à passividade em nome de uma generalidade e de uma moral. Camadas e camadas, estratificação social. Platôs. Poderíamos desta forma então considerar as intensidades humanas inertes, mortas? Poderíamos assinalar espaços vazios onde outrora plenos de vontade de potência, plenos de si?

Delírio: pedra filosofal

Deleuze e Guatarri (1996) falam a respeito de uma filosofia prática, sobre *como criar para si um corpo sem órgãos*, baseados em Artaud, que desenvolveu a ideia declarando guerra aos próprios órgãos. Para entendê-los, é preciso localizar que órgãos são instrumentos fundamentais ao funcionamento do corpo. Elementos que estão a serviço da vida biológica e são apropriados política e socialmente. Como princípio desta filosofia, estes órgãos estariam burocraticamente isolados uns dos outros, interrompendo brutalmente a eloquência de fluxos.

Sendo o ser humano potência, intenso, precisa transcender seu próprio corpo para expressar-se em plenitude e esses fluxos são primordiais. É vida que se afirma em

suas sensibilidades e expressões, sejam elas boas ou *consideradas* más. Interromper esses fluxos significa perder-se do tempo destes acontecimentos, perder potência que leva à liberdade.

Talvez, compreender o corpo como um organismo utilitário facilite compreender por que é necessário criar um Corpo sem órgãos (CsO). Talvez facilite compreendê-lo antes como um corpo com órgãos, em que as operações de poder, de disciplina, submetem o corpo a regimentos para que possa ser recompensado. Enquadre-se na engrenagem que dissipa potências e reconheça-se como parte de um regime que pré estabelece maneiras de existir. “Exista”. Sente-se de tal forma, esqueça o desejo de sim que há em você, cultive apenas experiências felizes, como se o triste não pudesse produzir nada para além da própria tristeza. Ou como se a produção fosse sempre o algo a ser perseguido. Mantenha-se ocupado, útil. Não corra. Produza verdades de maneira incontestável; escreva em terceira pessoa, neutra, de forma impessoal, universal, objetiva. Quem é mesmo você, *Oh*, lustrosa e opaca armadura?

Um senhor nunca se aproximará de seu cavalo sem o seu chicote e dele se servirá a cada vez. Se a impaciência ou a revolta do animal se manifestasse, a rédea seria puxada mais fortemente, o senhor pegaria as rédeas e aplicaria um severo corretivo ao animal. [...] Quando se tira castra o desejo, fica em seu lugar um vazio ou mais desejo? De fato, trata-se menos de uma destruição do que uma troca e de uma circulação. O cavalo está domado: às suas forças instintivas o homem impõe forças transmitidas, que vão regular as primeiras, selecioná-las, dominá-las, sobrecodificá-las (DELEUZE; GUATARRI, 1996, p.15).

O desencontro do próprio corpo ao se perder no corpo de disciplina e poder traz uma incapacidade de autocriação, uma incapacidade de perceber aquilo que me acontece enquanto me acontece, subalternizando a vida em regras, fórmulas, métodos.

A potência é um ponto onde coincidem o desejo e a natureza do corpo, o pensar e o agir não apenas em equivalência, como indivisíveis. E é produção e produto daquilo que afeta, que não busca um ideário, mas uma adequação às ideias de seu próprio corpo. A potência não é uma virtualidade, mas uma posição original em que o

pensar e o agir são indivisíveis e relacionados aos afetos “de modo que os “afetos” dos homens produzem, na ordem do pensamento, as afecções¹⁰ do corpo humano. E, assim, como toda afecção de nosso corpo aumenta ou reduz sua potência de agir” (ESPINOSA in RAMOND, 2010, p.18).

Para que se reafirme como possibilidade, o corpo deve se reinventar, criando novas conexões e breves moradas; para que a potência permaneça em um “aqui” não localizável, pois seria de fácil captura, deve estar em movimento para que não se torne um corpo furtado de si, mas um corpo em movimento de compreensão ativa, que leva à liberdade e não à servidão. O corpo e sua necessidade de experimentar a si próprio, de ser livre, transcendendo e desorganizando a unificação da própria ideia de liberdade. O corpo, elixir de vida, afirmação da existência presente.

Despir-se de utilidade, criar para si um CsO pode estar intimamente relacionado com o próprio organismo, onde uma potência é transmitida por outra, mesmo que induzindo à passividade (como do domador ao cavalo). Haveria como retirar as rédeas e continuar vivendo em sociedade? Ou seria sensato e prudente coexistir entre intensidades, selas e espaços vazios? O que seria este vazio?

Um espaço esvaziado. Um vazio cheio de espaço. Estática à espera de movimento, rompe, chicoteia até que corte, que se abra. Fissure. Lugar do eco ou escoamento. Deleuze e Guatarri (1996) falam sobre reterritorializações que não façam propriamente um corpo sem órgãos, mas primordialmente percebam o que restou de corpo inalterável. Aquele corpo primeiro, o ovo, a célula una, o momento do vir a ser, da imanência. Incompressível. Um corpo saciado de presente e ao mesmo tempo faminto de futuro, um corpo em trânsito que se comunica com sua potência. Um corpo em situação de mudança ou despejo, uma busca incansável por territórios onde possa provisoriamente residir.

¹⁰ “Afecção e o modo caracterizam-se fundamentalmente como realidades dependentes de outras realidades [...] designa ao mesmo tempo o que determina e o que altera [...] de fato, caracteriza quase sempre, em Espinosa, o corpo humano”. A esse respeito, ver em RAMOND (2010, p.16-17). Já os afetos se caracterizariam como paixões, sentimentos.

Fissura, bem incompressível

A utopia é um lugar fora de todos os lugares e, de acordo com Foucault (2013), um lugar onde seria possível ter um corpo sem a condenação de sua própria carcaça a perecer em suas limitações. Estas grades que detém cada um de nós, este corpo através do qual é preciso mostrar-se, ser olhado de cima abaixo, por cima do ombro, este corpo que morre e mata, é fornecido pela clausura das coisas que se alojam nele.

Não é possível deixar o corpo, abandonar o corpo sem abandonar a si próprio. Nesta bolha frágil, por vezes volátil, que permite que as coisas de fora deformem e ameacem sua singela flutuação e se instalem na caverna confusa que arruína a história que nasce no corpo cerrado ao mundo visível. Fábula que nasce ao fechar dos olhos - onde tudo é possível: “Por isso o homem, à noite, através da vida, deixa que o sonho lhe minta, sem que seu sentimento moral jamais tentasse impedi-lo” (NIETZSCHE, 2014, p. 63).

Ao contrário das disciplinas que se injetam nos corpos minuciosamente através dos tempos e espaços, esquadrinhamentos sociais de obediência, conformação e limite, Foucault (2013) localiza uma utopia que se materializa. Deixando, portanto, de ser utopia, “como fogo de artifício é objeto opaco até ser fulgor no ar e a própria morte” (LISPECTOR, 1999, p.15).

São as heterotopias. Nas e pelas quais “ele procura um novo território para sua atuação e outro leito de rio, e o encontro no *mito* e, em geral, na arte” (NIETZSCHE, 2014, p.68, grifo do autor). Encontra na arte criada pelo corpo, encontra no corpo o lugar para a arte, que perturba, rompe os limites. Forma várzeas, lugares onde sazonalmente o rio precisa de mais espaço para expandir seu fluxo, para ampliar seu leito, fertilizar suas margens.

As heterotopias são segundo Foucault (2013) contestações, são os lugares do contraditório e podem ser observadas partindo de alguns princípios. Primeiramente, a heterotopia se localiza em todas as sociedades de formas variadas, relacionando-se diretamente com sua cultura; podem ser mutáveis, ou seja, podem ser abandonadas

ou substituíveis ao longo do tempo. As heterotopias são ligadas a recortes do tempo e se constituem em espaços de acumulação no tempo, como as bibliotecas e museus, mas também podem se apresentar de modo crônico, ao modo eventual. Possuem espécies de canais, sistemas de abertura e fechamento que as isola do espaço que as cerca. E tem como regra justapor em um lugar concreto vários espaços que, normalmente, seriam ou deveriam ser incompatíveis “porque o homem, ao mesmo tempo por necessidade e tédio, quer existir socialmente e em rebanho, ele precisa de um acordo de paz e se esforça para que pelo menos a máxima *bellum omnium contra omnes*¹¹ desapareça de seu mundo” (NIETZSCHE, 2014, p.63).

O paradoxo onde habita a disciplina e docilização dos corpos, mas, sobretudo, utopia, heterotopias, pois abrigam “este pequeno fulcro utópico, a partir do qual eu sonho, falo, avanço, imagino, percebo as coisas em seu lugar e também as nego pelo poder indefinido das utopias que imagino” (FOUCAULT, 2013, p.14).

A infância é invenção humana. Apresenta-se de formas variadas, acumula tempo, sendo permitida neste tempo crônico. No mundo que as circunda, elas são o sonho que tem o seu lugar. Transpõem cercas. O mito que sobrevive ao abrir dos olhos. O mito que sobrevive ao fecharmos bem os olhos e olharmos para dentro. A escola é desta forma, o lugar do encontro e do desencontro. O encontro da infância e o jardim, lugar do corpo que transcende o corpo. É o encontro do lugar murado, pintado e organizado no meio da favela. É o lugar caótico que encontra fissura na caverna nebulosa da mente para a arte, para a expressão, para o conhecimento, para o corpo se encontrar.

É imprescindível consideramos que as heterotopias são criações humanas. São o desabrochamento do que reside na caverna escura da mente, são utopias encarceradas no corpo, as utopias que nascem do próprio corpo, clareadas pela abertura dos olhos, poros. Necessidade humana de transformar o real em outro real, despir seu corpo de utilidade, seu corpo através das ideias de seu próprio corpo.

¹¹ guerra de todos contra todos

Eis o dilema vivido pelos deuses modernos forjados pelo homem. O deus cristão obsoleto pela própria (des) humanidade, pela necessidade do utilitarismo, da verdade vendida como única e incontestável. Um centro de universo que reserva como dádiva uma comunicação vulgar, medíocre e utilitária. O deus contemporâneo é todo razão e mata seu corpo - tornado objeto por se afirmar um ser da dúvida, nômade, em trânsito.

As heterotopias seriam espaços para a criação do corpo sem órgãos de Deleuze e Guatarri? Seriam os espaços de prudência, dosados? Ou seriam os próprios corpos heterotopias?

Foucault (2013) as define como **a.** Contestações: se localizam em todas as sociedades de formas variadas, relacionando-se diretamente com sua cultura; **b.** podem ser mutáveis, ou seja, podem ser abandonadas ou substituíveis ao longo do tempo; **c.** são ligados a recortes do tempo e se constituem em espaços de acumulação no tempo, mas também podem se apresentar de modo crônico, ao modo eventual; **d.** possuem espécies de canais, sistemas de abertura e fechamento que as isola do espaço que as cerca; **e.** tem como regra justapor em um lugar concreto vários espaços que, normalmente, seriam ou deveriam ser incompatíveis.

São espaços que existem concretamente, localizáveis geograficamente e também na caverna craniana. É possível dizer que no encontro do que já existe concretamente e a utopia, a heterotopia porvir, a potência humana se exalta. É o espaço do circuito em que a energia canalizada e contida no processo de docilização encontra-se com o tempo – um de seus chicotes – e percorre suas próprias intensidades. As heterotopias são as utopias concretizadas. O espaço para a potência emanar do próprio corpo. Espaço para o próprio corpo se revelar como potência.

Os corpos que transitam entre os espaços *pré-parados* de disciplina e de potência, estão nos corpos que se movimentam, levam e trazem, sufocam e gritam suas impressões para lugares de expressões. As heterotopias não são lugares fixos. E o que seria o corpo, que, como a Cidade do Sol, “não tem lugar, mas é dele que saem e se irradiam todos os lugares possíveis, reais ou utópicos” (FOUCAULT, 2013, p.14), o que seria o corpo? O que ele pode? Existe uma única definição de corpo (e de

liberdade)? Ou seria subjetiva?

A escola, como o próprio mundo, é o não lugar e o lugar do corpo, é litígio e acordo de coexistência entre o corpo sem órgãos e o corpo disciplinado, “*com órgãos*”. Corpos que se apresentam como os próprios furos dos dispositivos. Corpos que são os lugares e os não lugares do mundo. Corpos que se revelam como heterotopias.

A passagem de utopia para heterotopia se instauraria através do corpo, com o corpo, no corpo. Sem certezas, podem ser mutáveis, podem ser abandonadas. Ligações que despistam ao percorrer rotas imprevisíveis. Rastros que mal se fazem, são achados, levam para onde já não se está.

Neste universo em que a carcaça carregadora da cabeça fosse dela desconectada encontrasse almas seladas em armaduras, o que os “donos” de seus corpos estariam dispostos a perder para restaurar sua natureza? O que valeria uma troca pelo corpo genuíno? A ordem? A padronização da ideia de liberdade e de corpo? A desconexão entre corpos e cabeças? A perpetuação de outras armaduras? Ou corpos com formas humanas, mas sem a possibilidade de sentir?

Algumas ficções são objetos de realidades anteriores nas quais fica de lado o corpo sensível, o corpo de fluxos, afetos e fruições, o corpo sem órgãos. Esquece-se que o corpo, “trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver” (CANDIDO, 2007, p.178). Armadura trincada, fresta, contradição. Centelha que desprende da utopia. Bem incompressível.

O meu Deus não pode estar morto. Mas sei que mesmo em coma cria um mundo de acontecimentos dentro de si e ao seu redor. O corpo transita, é sumário e também provisório. Vive entre a sombra e alma. O corpo transcende o próprio corpo. É o palpável e o abstrato, corpóreo, forjado. Utopia, conversa entre dois mundos. O corpo heterotópico fissa a vida de vida, construindo pelo movimento a fresta por onde respira a ética.

Considerando o provisório

O livro *Corpo utópico, heterotopias* de Michel Foucault (2013), me apresenta em trinta e cinco páginas um outro Foucault pela fala de duas conferências transcritas que me arrebatam. Um Foucault contraditório que decide e não se decide sobre o que é o corpo. E também esperançoso ao sonhar com as heterotopologias: a ciência que se ocupará em estudar as heterotopias.

Nos últimos parágrafos discorre sobre os navios, as heterotopias por excelência. Lugares sem lugar, fechados em si, livres em algum sentido, com vida própria, mas fatalmente ligado ao infinito. O projeto gráfico traz na capa do livro uma abertura, como um recorte retangular. Por dentro, se vê uma espécie de espelho. Em um primeiro momento, se revela janela, espaço e também espelho. O que me faz conversar com a marca de uma ideologia que estabelece hierarquização, em que Santos (2011) traz no uso de espelhos um conjunto de normatividades da sociedade. Entende primeiramente que seus usos feminino e masculino são feitos de maneira bastante distintas. Enquanto os homens o usam como um mero objeto para projetar sua imagem, a mulher torna-se objeto de seu espelho, fazendo de sua imagem sua própria identidade, em uma relação de dependência visual e conformidade.

Ao identificar esta distinção no uso de espelhos, equipara a sociedade ao uso feminino de espelhos. Ou seja, os espelhos seriam práticas de semelhança e identidade que asseguram a vida em sociedade (Idem, 2011).

O espelho seria desta forma não uma maneira de projetar imagem de si mesmo como um *legítimo outro* apontado por Gallo (2008) como a alteridade, uma singularidade em contato com outras e promovendo o estabelecimento da coletividade, mas sim uma outra perspectiva: a tentativa de enquadrar a si mesmo na forma que é projetada no espelho. Assim, os sujeitos se tornam pertencentes à própria lógica que segrega ou se tornam invisíveis ao não se reconhecer nesta distribuição de permissões e proibições de ser. O que há fora do espelho não é reconhecido. É nada.

Entendendo que “a educação moderna foi pensada e produzida no contexto da filosofia da representação, tomando o outro como conceito, pensando a formação

como sendo a repetição do mesmo” (Idem 2008, p.14), a passividade espectral em subjugar o outro e si mesmo em favor de homogeneidade conforma este acordo.

Ainda nesta concepção, a captura da imagem idealizada pelo espelho, torna-se então estátua. Os que olham não veem, mas são vistos e vigiados em uma atração sustentada pelo desejo de se reconhecer, de pertencer. Os espelhos seriam assim produção de não existências.

Mas aquilo que se insinuou para mim desde o início, apenas se revelou através do projeto gráfico. O retângulo com o espelho, obviamente projeta a imagem de quem dedique atenção a olhar-se nele. Paradoxalmente enquadro-me para projetar uma imagem que é um “sou eu” em uma imensidão de mar ilustrada. E nesta projeção eu passo de um corpo a um navio, a heterotopia por excelência.



O velho e o tempo. Acervo pessoal. Armação de Búzios, Brasil, 2013.

A mim me parece que tudo isto se relaciona com a Educação de diversas formas, mas primordialmente através da primeira via de regulação: o corpo. Via de regulação porque também, e sobretudo, de emancipação. Relacionar o corpo como emancipação na Educação mostra-se um descaminho neste corpo com sentidos ocultados do universo educacional. Um descaminho que cria outras marcas neste corpo que fora tornado objeto opaco, este corpo tornado armadura, tornado a carcaça carregadora da cabeça, grita seu desacordo com o mundo que o aniquila, dominado pela técnica que pressupõe sua utilidade como alvo.

Uma Educação que se dedica ao corpo como princípio e não como finalidade de uma lógica utilitarista, estabelece uma conexão ao que é compreendido como progresso, mas trata apenas de sobrevivência. Dentre tantas cisões que fortalecem as

formas de conhecimento reconhecidas na sociedade moderna, a separação corporeamente foi absorvida de tal maneira que o pensar e o agir, a teoria e a prática estão supostamente divididos, ainda que possam suscitar e elevar suas capacidades umas das outras em movimento, circulação, fluxo. Potências positivas, ativas.

A ruptura do cerceamento naturalizado por uma Educação que se proponha ser outra deve estar preparada de e para mínimos, de fissuras para produzir espaços à compreensão em um nível mais profundo, um nível que se encarne. Deve estar atenta e preparada de e para trânsitos, abandonos, despejos, fulcros, utopias, frestas, experimentações que (re)inauguram o direito ao próprio corpo, que tem como vetores de intensidades música, literatura, movimento, imagens, sons, sentidos. Isto, se compreendermos que o corpo está associado à humanidade e que a humanização é um bem incompressível, que é um direito humano. E, que, como direito humano é inalienável de todos e que sua supressão leva à desumanização.

Para que o corpo não seja apenas utópico, mas heterotópico. Que não seja privilégio, mas um direito de ser e estar no mundo, de ser dissonante. Que perceba estrelas cadentes em poros que se eriçam a despeito de céus enevoados.

Nenhuma troca soa equivalente.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antônio. O direito à Literatura. In: **Vários escritos**. 6ª reimpr.. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Felix. **Mil platôs, vol.3**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996. (edição virtual disponível em <https://pt.scribd.com/doc/298347164/Gilles-Deleuze-Mil-Platos-Vol-3-Corpo-Sem-Orgaos>)

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

_____. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 42. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GALLO, Sílvio. Eu, o outro e tantos outros: educação, alteridade e filosofia da diferença. In: **Anais do II Congresso Internacional Cotidiano: Diálogos sobre Diálogos**. Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2008.

LISPECTOR, Clarice. **Para não esquecer**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

NIETZSCHE, Friedrich. **Obras incompletas**. São Paulo: Editora 34, 2014.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A crítica da razão indolente contra o desperdício da experiência. Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática**. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

RAMOND, Charles. **Vocabulário Espinosa**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

Data de envio: 09/09/2018

Data de aceite: 18/10/2018